

A NOVA ECONOMIA PSÍQUICA: A RELAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO E INDÚSTRIA CULTURAL

THE NEW PSYCHIC ECONOMY: THE RELATIONSHIP BETWEEN EDUCATION AND CULTURAL INDUSTRY

*Anderson de Alencar Menezes¹
Dalmo Cavalcante de Moura²*

Recebido em: 08/2019
Aprovado em: 10/2019

Resumo: A mudança na cultura de massa para a Indústria Cultural trouxe muitas transformações nos aspectos subjetivos e a Formação (Bildung) no capitalismo tardio. O presente artigo procura problematizar a relação dessas mudanças e a educação dentro da perspectiva da Teoria Crítica. Nesse sentido, a Indústria Cultural passou a organizar uma cultura fragmentada que vem cada dia mais influenciando a educação.

Palavras Chave: Indústria Cultural, Formação, Teoria Crítica.

Abstract: The change in mass culture for the Cultural Industry brought many transformations in the subjective aspects and the Formation (Bildung) in late capitalism. The present article tries to problematize the relation of these changes and the education within the perspective of the Critical Theory. In this sense, the Cultural Industry began to organize a fragmented culture that is increasingly influencing education.

Keywords: Cultural Industry, Training, Critical Theory.

Introdução

O tema da Indústria Cultural surge na Escola de Frankfurt (Teoria Crítica) a partir da análise da mudança de uma produção cultural espontânea, a qual Adorno e Horkheimer

¹ Licenciado em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco, Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco e Doutor em Ciências da Educação pela Universidade do Porto. Membro do Núcleo de Sustentação do GT Ética e Cidadania da ANPOF. Professor e Pesquisador do Mestrado e Doutorado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/CEDU/UFAL). Líder do Grupo de Pesquisa TECER (Teoria Crítica, Emancipação e Reconhecimento). Membro dos grupos de Pesquisa Filosofia e Educação e Ensino de Filosofia (UFAL); Filosofar e Ensinar a Filosofar (UFPE).

² Formado em Licenciatura em Filosofia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), mestre e doutorando em Educação Brasileira pelo Centro de Educação (CEDU). Professor do Curso em Licenciatura em Filosofia da Facesta (Faculdade São Tomás de Aquino). Membro do grupo de pesquisa TECER (Teoria Crítica, Emancipação e Reconhecimento).

denominam cultura de massa para novas formas de organização, produção e distribuição dessa mesma cultura. A essa nova organização Adorno e Horkheimer (1985) denominam Indústria Cultural.

Com o surgimento da proposta liberal de mercado, surgiu na Europa a desregulamentação da produção por parte do Estado, para promover o comércio e a cultura.

Nesse sentido a troca de mercadorias, cultura será dentro de um caráter desregulamentado. Assim, o Direito, as normas passaram a ser revistas, diante da mudança também de critérios. Se antes o critério era o recalque, a tradição, com a implementação da Indústria Cultural as formas de produção de cultura passam a ter um contínuo apagamento dos limites impostos por esse recalque e a tradição.

Essas mudanças trazem uma nova perspectiva de relacionamento do homem com sua cultura. Novos meios de comunicação, veiculação e valorização da cultura que antes não tinham em questão. Portanto, entendemos que essa discussão passa por critérios de educação ou formação (Bildung) problematizada pela Teoria Crítica³.

A Relação entre a Nova Economia Psíquica e a Subjetividade Contemporânea

Na sociedade pós-moderna os limites estão postos em discussão, em virtude de que a dinâmica social na atualidade é outra. Os meios de comunicação criaram uma tendência de substituição muito mais rápida tanto de produtos culturais, quanto de informações sobre eles, além da necessidade do imperativo da novidade.

Algo que tem chamado a atenção é a forma como a sociedade atual tem lidado com a “representação”. Nas formas de arte atuais tal categoria tem se transmutado numa nova apresentação. Da sociedade que através da arte representava o objeto, estamos indo para outro caminho, ou seja, em direção ao próprio objeto. Dessa maneira, nossa sociedade está saindo de um modelo psicanalítico da “falta”, “carência”, para o da busca da satisfação do desejo em direção a absorção do objeto.

Como fica então a constituição do sujeito nessa nova economia psíquica? Os modelos psicanalíticos, já vem analisando essa questão a muito tempo, tais como os de: Freud ou

³ A chamada Teoria Crítica é um grupo interdisciplinar formado na Alemanha na década de 1920. Essa linha de pensamento passa a ser denominada de Escola de Frankfurt quando da sua volta a Alemanha pós Segunda Guerra Mundial (1933-1945) em virtude do exílio já que todos eram judeus.

Lacan⁴. Aqui, não é nossa proposta fazer uma reconstrução histórica de toda essa discussão. Mas, apontar mais na frente, a relação dessa discussão com a Indústria Cultural e a Educação.

O que está posto na sociedade atual é a divisão do desejo e o falar. Isso é revelado pela nova estrutura do padrão de realidade, que em nosso tempo tem se tornado cada vez mais virtualizado. A falta originária foi perdida, assim, decepção, frustração já não devem fazer parte da estrutura do novo sujeito.

A realidade compactada pela tecnologia, não permite a existência do trágico. Pois, o trágico remete a um sujeito concreto, histórico, e isso é incompatível com uma sociedade do acúmulo e substituição rápida e feroz da informação. Essa mesma sociedade atual tem outra relação com a questão do prazer. Ele passou a ser parte de outros prazeres diante da imensa oferta sensorial. Diante da liberdade de mercado conquistada também passaram a revistas as formas de controle sensorial. Assim, acreditamos que há uma oferta abundante de gozo sensorial que vão deste o gozo auditivo até visuais.

Nessa sociedade atual o reconhecimento de si, enquanto sujeito histórico, fica prejudicado, diante da incerteza de si, o “Eu” parte numa aventura incerta para a dinâmica da satisfação compulsiva como mecanismo de garantir alguma possibilidade de criar uma “Identidade”. O grande objetivo da Indústria Cultural para Adorno (1985) é justamente esse, garantir a todo custo humano que o prazer seja apenas uma promessa. Promessa essa que não deve ser nunca satisfeita, caso contrário, o sujeito entrará em decadência de si, Adorno, Horkheimer (1985, p. 108):

Ao subordinar da mesma maneira todos os setores da produção espiritual a este fim – ocupar os sentidos dos homens da saída da fábrica, à noite, até a chegada ao relógio do ponto, na manhã seguinte, com o selo da tarefa de que devem se ocupar durante o dia – essa subsunção realiza ironicamente o conceito da cultura unitária que os filósofos da personalidade opunham à massificação.

Não é toa que a nossa sociedade vive as duas relações possíveis nessa estrutura que estamos problematizando: o consumo e a depressão. Nesse sentido, a sociedade atual pós-moderna não encontra satisfação e vive uma eterna busca de encontrar um dia o “gozo perfeito”.

⁴ Sigmund Schlomo Freud (1856-1939) é um médico neurologista que criou a psicanálise ao estudar a hipnose, histeria, desejos e a sexualidade. Uma das suas principais obras: A Interpretação dos sonhos (1899); O mal-estar na Civilização (1920). Carl Gustav Jung (1875-1961) foi um seguidor inicialmente de Freud, fundador da psicologia analítica estudou os arquétipos e o inconsciente da mente humana. São algumas de suas obras: Os arquétipos e o Inconsciente coletivo (1959); Tipos psicológicos (1921).

O caráter antropológico aqui revelado é que as mudanças culturais na sociedade atual trazem para os sujeitos uma nova economia psíquica com a coisa desejada. De um modelo de significante passamos para um modelo de signo. Qual é a importância disso tudo?

A importância é que os sujeitos na cultura contemporânea estão presos a dimensão imaginária, num prazer também imaginário e nunca alcançável. Portanto, não há possibilidade de criação e desenvolvimento da subjetividade. Isso é essencial para entendermos o que trataremos depois no tema Indústria Cultural.

Com tal Indústria vai se promover o fim da linguagem e da experiência estética, que também faz parte do processo de hominização. Como metodologia de trabalho a Escola de Frankfurt (Teoria Crítica) sempre desenvolveu de maneira implícita e explícita um diagnóstico do tempo. É possível apontarmos nesse diagnóstico, geralmente pessimista de Adorno e Horkheimer a atualidade de suas colocações com o que até agora discutimos?

Nesse contexto, o Direito tem trabalhado para garantir sob o manto da igualdade uma satisfação impessoal do que é “justo” e que traria o “bem estar”.

Influenciado pelo pensamento de Freud, Adorno não vai acreditar no homem como “sujeito do inconsciente”, mas como um sujeito como uma unidade sintética auto-referente. Ele vai identificar que a mudança do capitalismo tardio que implementa a Indústria Cultural vai se preocupar com o supereu e a impossibilidade de formação da personalidade individual, segundo Adorno, Horkheimer (1985, p. 113):

A indústria cultural não cessa de lograr seus consumidores quanto àquilo que continuamente a lhes prometer. A promissória sobre o prazer, emitida pelo enredo e pela encenação, é prorrogada indefinidamente: maldosamente, a promessa a qual a final se reduz o espetáculo significa que jamais chegaremos à coisa mesma, que o convidado deve se contentar com a leitura do cardápio.

Tendo vivenciado a experiência do nazismo⁵, Adorno passou a estudar os processos cognitivo, os pressupostos que permitem a criação da aceitação de algo como o nazismo.

A esse caráter, Adorno denominou “clima de cultural geral”. A psicodinâmica é resultado da identificação com a autoridade paterna que na sociedade do capitalista tardio do pós-guerra vai ser corroída e passa a comprometer a formação do “Eu” e do “Supereu”.

Esse seria o processo que promoveu na história o regime mais cruel de violência: o nazismo. Nesse sentido, Adorno faz uso da psicanálise para identificar o desenvolvimento de

⁵ Regime Totalitário que aconteceu na Alemanha e que defendia a exterminação dos judeus durante a Segunda Guerra Mundial (1933-1945).

formação que aceitou tal barbárie na humanidade.

O processo de desenvolvimento da sociedade Ocidental é marcado por Adorno/Horkheimer (1985) por uma relação trágica com o mito. A superação do mito acontece quando as explicações míticas cedem lugar a explicações metafísicas, científicas. Na sociedade atual, onde acontece um desenvolvimento rápido da tecnologia a representação, a capacidade de percepção do sujeito e a coisa alteram substancialmente.

Essa capacidade de representação e subjetividade ganham novos aspectos a superação da imaginação e memória, pois a tecnologia passou a ser o imperativo condicionador da sensibilidade humana. Nesse sentido, as imagens se multiplicam num fetiche visual e auditivo que leva ao comportamento compulsivo promulgado pela indústria cultural.

A Relação entre satisfação no mundo administrado e a Indústria Cultural

O fenômeno do consumo nos traz duas possibilidades de satisfação. A primeira o consumo é encontrado, no prazer que o objeto de consumo nos proporciona e que se confunde com a necessidade real. A segunda possibilidade é que essa mesma satisfação não se encontra no objeto propriamente dito, mas na sua capacidade de transcendência.

Portanto, há no consumo uma questão para além do próprio objeto consumido. No processo histórico de formação da subjetividade que começa lá na modernidade e que é fundamentado por entre outros pelo filósofo Kant⁶, essa satisfação pode ser entendida como “expressão da liberdade do sujeito”. O problema é que na contemporaneidade evidentemente frustrada é lhe oferecido de tudo um pouco para aplacar suas carências subjetivas que vão desde uma televisão personalizada (canais a cabo) até objetos personalizados tais como celular.

Na sociedade contemporânea em virtude da produção de objetos para o prazer e o gozo em excesso, há possibilidade de prazer egóico, ou prazer mediado. Cabe aqui uma pergunta. Será essa origem do que chamamos literatura de autoajuda?

Se no início de seus trabalhos Freud enfrentou o problema da divisão entre indivíduo e sociedade para buscar compreender as formas de controle e manipulação das paixões.

Em nossa sociedade contemporaneidade essas mesmas paixões, necessidades e desejos estão sendo relocados para fundamentar uma reconciliação entre o indivíduo e a sociedade.

⁶ Immanuel Kant (1724-1804), filósofo alemão nascido na Prússia em Königsberg. Uma de suas principais obras é: *Crítica da Razão Pura* (1781) em que vai problematizar o entendimento, conhecimento e racionalidade.

Dessa forma, essa reconciliação precisa fazer uso de uma estrutura relativamente nova para organizar o campo simbólico, subjetivo e cógico da satisfação e do prazer. Essa estrutura relativamente nova terá o nome de: Indústria Cultural, segundo Adorno, Horkheimer (1985, p. 120): “A indústria cultural realizou maldosamente o homem como ser genérico. Cada um é tão somente aquilo mediante o que pode substituir todos os outros: ele é fungível, um mero exemplar”.

Como é essa nova organização psíquica trazida pela Indústria Cultural? Essa organização psíquica se efetiva enquanto uma subjetividade do receptor passivo, já que há um direcionamento racional para o processo de manipulação e operacionalização das paixões desencantadas.

O caráter industrial da produção de bens culturais em abundância, atinge a subjetividade e a própria vida pulsional do indivíduo. É importante que a Teoria Crítica passe a estudar a industrialização das pulsões. Porque é dessa relação da Indústria Cultural e as pulsões que dão origem a subjetividade deformada.

Essas pulsões dentro da organização da sociedade também passam a ter uma dimensão política da satisfação.

O prazer é estruturado como uma promessa e o gozo como posse de um consumidor. Nesse sentido, prazer, gozo e ego estão dissociados do mundo efetivo, enquanto realização plena por exemplo de um prazer estético. O que é o consumo? Não é mais do que uma satisfação repressiva, segundo Ramos (2008, p. 82):

Podemos perceber nas diferenças entre o prazer e gozo o quanto o primeiro cede à dominação por sua particularidade, plasticidade e imediatividade, enquanto o segundo alia-se à falsa possibilidade de reconciliação com o todo por meio de imperativos universalizados que muitas vezes escondem interesses particulares da classe dominante.

Dessa forma, a dominação das pulsões reflete o próprio processo de civilização, pois a função da sociedade é de certa maneira o domínio do corpo e seus desejos, portanto é aí que está a possibilidade de uma reflexão crítica e histórica. O problema é que a satisfação prometida não foi alcançada, e na realidade há uma negação do prazer, criando uma sociedade mutilada e frustrada em sua busca de plena satisfação.

Qual é a relação entre política e prazer? Tanto o prazer quanto o gozo sobrevivem apenas como uma memória daquilo que lhe foi negado. O modelo da sociedade do capitalismo tardio não permite a mimesis, catarse e muito menos ainda a cultura autônoma e

espontânea, segundo Ramos (2008, p. 81): “A indústria cultural se caracteriza, assim, sob a perspectiva da subjetividade do receptor, como processo de manipulação e operacionalização das paixões desencantadas”.

Dentro deste contexto, a Indústria Cultural realiza uma dominação que leva a ação da imitação compulsiva. Essa imitação compulsiva é sua característica.

É através dessa compulsão que o sujeito contemporâneo se esvazia de sua subjetividade, ou é esvaziado. O prazer negado por toda essa estrutura, não permite ao sujeito reorganizar sua subjetividade, já que mundo, vida e subjetividade não dialogam entre si. Assim, o sujeito da contemporaneidade está completamente solitário e perdido em suas referências. Referências essas que abrangem: identidade, estética e seu próprio, Eu.

O produto dessa sociedade da Indústria Cultural é o vazio. O caminho de volta na busca de redenção é muito difícil se tratando de que essa indústria tem uma ferramenta das mais fortes e reais: o entretenimento.

Esse entretenimento não permite uma interpretação da realidade, pelo seu caráter de prender a atenção anestesia os sujeitos, fazendo esquecer sua própria incompletude e vazio. Junto ao vazio, outro produto desse contexto é o medo e a angústia.

Esse mesmo medo precisa ser repostado e realimentado, assim, há sempre a presença do medo, de perder emprego, de não cumprir a meta, de sair de casa, do outro, do bandido, da polícia. Nessa angústia do medo da sociedade acontece outro fenômeno que é o isolamento e a solidão. Nesse contexto, surge as amizades virtuais como subterfúgios para o mundo real.

O remédio para essa situação que forma uma nova subjetividade contemporânea é dado pela Indústria Cultural que cria um sentimento de falsidade experiência de maneira compulsiva.

Dessa forma, tal indústria promove a dominação subjetiva e afasta qualquer forma de pulsão de uma mimesis efetiva. O sujeito sacrificado em suas possibilidades humanas consegue viver graças a esse encantamento que desloca para uma satisfação, prazer e mimesis provisória e substituível a todo tempo.

Satisfação e Reificação: A questão da subjetividade e a Indústria Cultural.

Na atualidade o ego autônomo só aparece na forma de instrumento, tendo em vista que o encantamento real foi perdido, restando apenas a melancolia de uma subjetividade que não se reconhece na realidade que vive. Por isso, é que se tornou tão popular o “Vazio existencial”

de nossos dias. Qual é a função da Indústria Cultural nesse contexto? Ela promove na sociedade onde os indivíduos são instrumentos da administração da satisfação autorizada. A relação é de nunca alcançar a aprofundamento, mas apenas a superficialidade de uma fruição de bens culturais que não acabam nunca. A Indústria Cultural absorve o cotidiano através de imagens, cenas, cortes, também fluida que marca o ritmo da fruição da informação sem qualquer possibilidade de reflexão. Portanto, ela atua no cognitivo dos indivíduos formando uma sensação da superfície, não permitindo identificação, reflexão, crítica mais profunda. A percepção só deve alcançar o fragmento dos vários estímulos desconexos de uma percepção reflexiva, segundo Ramos (2008, p 83): “o gozo e o prazer compulsivo encontrados no consumismo devem, no entanto, ser compreendidos como defesa do particular diante do encontro insuportável com sua realidade material, qual seja, a reificação e a mutilação cotidianas”

O indivíduo vive a sensação do choque de estímulos provisórios e permanentes ao mesmo tempo de uma informação fluida que atua na formação de sua consciência. Tendo em vista, que não há possibilidade de vínculo entre experiência e cotidiano. Mas, então o que há? Só existe a captação inconsciente, já que não tem como promover memória e tradição.

Assim, passa a existir um fenômeno novo que é a falta de percepção de um texto, livro ou notícia, por a consciência está presa na relação fragmentada. O esforço dialético, conexão, assimilação e experiência não é mais as ferramentas de uma racionalidade que explica o mundo, segundo Ramos (1985, p. 89):

Desse modo, enquanto à indústria cultural cumpre a repressão direta e a falsa realização imediata da promessa de felicidade da civilização diante da necessidade do sacrifício do indivíduo, à arte cabe ser a memória da promessa não cumprida

O que passa a explicar esse mesmo mundo é a fragmentação que reconhece de maneira automática a informação desconectada da realidade. Não há possibilidade de restaurar o encantamento sem restaurar primeiro memória e percepção. Sendo assim, a Indústria Cultural atua como um instrumento de reificação.

A Teoria Crítica: Subjetividade e indústria educacional hoje

Pensar a relação entre escola e Indústria Cultural requer uma atenção especial a questão daquilo que Adorno denomina de Semiformação (Halbbildung). Ela acontece como

problemática do surgimento do rádio, cinema e televisão no contexto alemão pós-nazismo (1933-1945). A categoria Semiformação (Halbbildung) surge com Friedrich Paulsen⁷ para criticar a escola secundária (Oberschule) que disciplinava muito os alunos na Alemanha.

Adorno muda o sentido dessa Semiformação, levando-a ao contexto da produção cultural industrializada. A cultura foi transformada por uma organização empresarial e de cultura de massa passou a ser Indústria Cultural. Sendo assim, esta indústria cria um produto que não está voltado para a experiência do mundo e da consciência desse mesmo mundo. A experiência cultural delimitada pela Indústria Cultural é do espetáculo e evento.

Pela sua nova estrutura a cultura organizada por esta indústria passa a ser um empreendimento. A escola tem vivenciado algumas mudanças com os novos meios de comunicação. A relação entre Indústria Cultural e educação pela análise do avanço da tecnologia parece um bom desenvolvimento do ensino e aprendizagem. Mas é preciso lembrar de uma concepção que surge nesse momento do avanço tecnológico que é a relação entre Educação e a sua subordinação à economia.

A Indústria Cultural tem vários empreendimentos que no senso comum não lhes atribuem tal reconhecimento. Portanto, o que está dentro e o que está fora da Indústria Cultural? Na parte de dentro de dentro está a escola, universidade, os estúdios de televisão, as livrarias. A educação enquanto mais uma mercadoria passou a fazer parte do marketing.

Dessa forma, a educação tem sido mais um dos objetivos dos empreendedores. A questão central não é a subordinação da educação à economia. A questão central é o caráter deformador que essa submissão traz. A educação na contemporaneidade não é a organizadora da cultura e formação. Isso tudo começa quando as sociedades modernas precisavam consolidar o sistema público de educação. O discurso da Indústria Cultural ao perceber essa nova realidade também procura se adaptar a essa realidade nova, pois seus bens culturais devem ter relação com a economia e vice versa. Qual a consequência dessa relação? A principal é a nova plataforma de informação e comunicação no mundo global. Assim, escolas e universidade produzem as mais modernas e eficientes mercadorias para o sucesso fazendo surgir toda uma nomenclatura monetária de educação e formação; Total Quality Management, Controlling/Evaluation, Marketing, recursos humanos, segundo Duarte (2008, p.102): “Dentre as diversas estratégias utilizadas, destacam-se os que Horkheimer e Adorno chamaram de

⁷ Friedrich Paulsen (1846-1908) filósofo e educador neokantiano alemão. Uma de suas principais obras é: *German Education Past and Present* (1908).

“manipulação retroativa” e “expropriação do esquematismo”⁸.

A contemporaneidade fez alunos se tornarem clientes e cientistas em prestadores de serviço. A avaliação desse serviço prestado é aferida pelos resultados obtidos: financiamento estatal, alunos matriculados, projetos. Quem não contribuir para esses resultados eficientes será desvalorizado e inutilizado. Talvez essa seja a discussão das ciências humanas e o Brasil na atualidade. Portanto, a questão da verdade, da pesquisa passam a ser desligados da educação e da formação ampliada, passando a ser uma formação restrita. Tanto a ciência quanto a formação são nesse contexto histórico atual parte do imperativo do consumo.

Qual é a relação existente entre a Indústria cultural e a educação? Primeiramente temos que refletir sobre os efeitos que essa indústria provoca. Assim, um dos mais visíveis efeitos é a expropriação dos indivíduos da possibilidade de uma relação viva com as coisas, principalmente com as mediações estéticas, o mundo da experiência e do conhecimento. O contrassenso maior é a forma como a própria escola vem se tornando um espaço dessa expropriação.

A escola passou a confundir-se entre escolarização e consumo, em virtude de que na atualidade essa instituição dialoga diretamente com o negócio, eficiência e concorrência.

Dessa forma, os alunos/as são consumidores da mercadoria-licença que promete o sucesso no futuro próximo dos processos seletivos para ingressarem numa universidade.

Portanto, os conteúdos sofrem um novo ordenamento para promover o êxito, já que os conteúdos relacionados com cultura parecem intimidador e estranho para o mercado que procura a instrumentalização dos exames fomentado pela Indústria Cultural.

Uma das novas relações estabelecida é a relação da educação e tecnologia. O compromisso, reconhecimento que promove a ligação entre o real e os conteúdos é perdido pela mediação dos vários mecanismos tecnológicos. Assim, o novo aluno/a fica preso a uma interação com o conhecimento superficiais, inofensivos, mas sem a capacidade de julgamento fundamentado numa argumentação própria. A atual direção em que a educação está se encaminhando é preocupante, tendo em vista que, cada vez mais ela vem se tornando estandarizada, dispersa, justaposta, fragmentada e impessoal.

O que importa agora pelos grandes gestores é a esquematização, volatilização e vulgarização das mercadorias da Indústria Cultural. A cultura geral enquanto Bildung (Formação Ampla) tem sido afastada da formação escolar. Qual é a consequência

⁸ Essa expressão está relacionada com a fundamentação do conhecimento em Kant: sensibilidade e entendimento e o sujeito e o objeto. Aqui significa a mudança na relação sujeito e objeto.

disso?

A nosso ver o fim da experiência e da linguagem. Portanto, o conteúdo (Sachzusammenhang), está cada vez mais dissociado para que a capacidade subjetiva seja esquecida na formação de alunos/as, pois o mundo na atualidade é o mundo da aparência e do excesso de informação e sensação que não trazem memória.

Nesse contexto, o conhecimento passou a ser uma forma superficial, sem profundidade, ou seja, é funcional, mas não uma apropriação experimentada. A escola atual em seu processo como um todo promove uma desespirtualização (subjetividade).

As diretrizes em geral parecem se determinar por: informação superficial; conhecimento aparente documentado por notas; esquema de memorização; conhecimento formal e operativo. Por outro lado, há alguns problemas entre a educação e essas propostas da atualidade. Em primeiro lugar a desconexão da educação com o mundo. Em segundo lugar, essa desconexão não permite o compromisso e a adesão que facilita o ensino e a aprendizagem, os alunos/as são irônicos e distantes. Assim, o didatismo, a preparação para a concorrência em si não consegue a adesão dos alunos/as para contrapor a dispersão.

Na atualidade há um contexto de crise. Essa crise é revelada pela incapacidade do Estado de Bem-Estar-Social atender as necessidades e satisfazer os anseios dos indivíduos. Adorno já em seu tempo fundamentou uma relação importante entre as exigências funcionais sistêmicas e as orientações subjetivas individuais na formação social. A modernização cultural e a tecnologia têm provocado por um lado um acesso mais democrático a informação, por outro lado, acabou com o domínio tradicional da experiência e oferta clássica para formação da identidade. É desse contexto que nasce a cultura narcisista atual?

As análises de Adorno em virtude da época têm um problema que é a limitação da arte burguesa arruinada pelo capitalismo tardio, essa mesma arte burguesa que traria os valores: da emancipação, autonomia e racionalidade, foi decaída pela cultura de massa.

Assim, é necessário refazer o caminho da questão da Indústria Cultural de Adorno problematizando-a. Uma atualização possível que podemos fazer é a concepção de sociedade administrada de Adorno. Para que surja uma alternativa educacional brasileira em Adorno é preciso se libertar de uma crítica pessimista da cultura e ao mesmo tempo não compreender inteiramente a essa única visão. Uma segunda questão da atualidade de Adorno é que a sua concepção de sociedade é aberta, por isso, é passível de reformulação.

Considerações Finais

A sociedade do capitalismo tardio transformou os processos culturais em mais uma mercadoria a ser explorada. A principal consequência disso é que o campo subjetivo, simbólico que fazem parte da Formação (Bildung) vem sofrendo um afastamento da experiência verdadeira com o mundo, o que traz uma impossibilidade de interpretar esse mesmo mundo contemporâneo. O acesso a informação trouxe consigo também o excesso de uma cultura substituível a todo momento. A escola e a educação atual tem de buscar problematizar essas questões para que possam fazer uma crítica e uma avaliação dessas questões tratadas aqui. Acreditamos que a Teoria crítica tenha algo ainda a nos dizer sobre a cultura, mundo e a Formação (Bildung). O presente trabalho faz parte de estudo acerca da Indústria Cultural dentro de um percurso da pós-graduação, não pretendemos aqui esgotá-lo, mas propor quem sabe a discussão da mesma.

Referências:

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro. Paz e terra, 1995.

ADORNO, Theodor W. HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

DALBOSCO, Cláudio Almir. Problema de atualidade da teoria crítica? Indústria educacional hoje. In: DURÃO, Fabio Akcelrud; ZUIN, Antônio; VAZ, Alexandre Fernandez. **A Indústria Cultural Hoje**. São Paulo: Boitempo, 2008.

DUARTE, Rodrigo. Indústria Cultural Hoje. In: DURÃO, Fabio Akcelrud; ZUIN, Antônio; VAZ, Alexandre Fernandez. **A Indústria Cultural Hoje**. São Paulo: Boitempo, 2008.

DURÃO, Fábio Akcelrud; ZUIN, Antônio; VAZ, Alexandre Fernandez. **A indústria cultural hoje**. São Paulo: Boitempo, 2008.

GRUSCHKA, Andréas. Escola, didática e indústria cultural. In: DURÃO, Fabio Akcelrud; ZUIN, Antônio; VAZ, Alexandre Fernandez. **A Indústria Cultural Hoje**. São Paulo: Boitempo, 2008.

LASTÓRIA, Luís Calmon. Uma nova economia psíquica ou mutações tópicas? Elementos para reflexão acerca da subjetividade contemporânea. In: DURÃO, Fabio Akcelrud; ZUIN, Antônio; VAZ, Alexandre Fernandez. **A Indústria Cultural Hoje**. São Paulo: Boitempo, 2008.